

Das vicissitudes da literatura e da história: a emergência de uma heroína negra em *Um defeito de cor*

Maira Luana Morais¹

Resumo

Partindo da minha pesquisa de mestrado, este resumo propõe apresentar a investigação que venho realizando em torno do romance *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves, que é analisado a partir da representação da personagem Kehinde e sua relação com questões pungentes da literatura brasileira contemporânea. Em um primeiro momento, a pesquisa em processo busca investigar a construção da personagem que, segundo nossa hipótese, possui alguns traços heroicos, com o objetivo de compreender as rupturas e continuidades empreendidas pela personagem protagonista em relação às outras mulheres negras que figuram no panteão da ficção literária brasileira. Em um segundo momento, a análise do romance visa a confrontá-lo com outras tendências da ficção contemporânea, enfatizando o traço que o aproxima de uma estética pós-modernista, de acordo com Linda Hutcheon, na medida em que ele recupera a metaficção historiográfica. De um modo geral, tendo como base as etapas iniciais da pesquisa, pretende-se refletir sobre a relação que se estabelece entre a obra, sua autora Ana Maria Gonçalves e as relações de poder do campo literário, de modo a investigar posições formalizadas no romance, vinculadas à nova literatura afro-brasileira e aos movimentos sociais contemporâneos de identidade negra.

Palavras-chave

literatura afro-brasileira; romance; metaficção historiográfica; heroína

¹ Mestranda no programa Literatura Brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo.

Introdução, com síntese das discussões levantadas no projeto de pesquisa

A partir dos anos 1970, tem-se um aumento significativo da produção de escritores afrodescendentes. Aumenta da mesma forma, “mas não na mesma intensidade, a reflexão acadêmica voltada para esses escritos, que, no século XX, fora privilégio quase exclusivo de pesquisadores estrangeiros como Batisde, Savers, Rabassa e Brokshaw” (ASSIS, 2008, p.1). Ressalta-se que, apesar deste aumento, a produção afro-brasileira ainda se encontra à margem dos espaços literários consagrados. Entretanto, vê-se por parte de escritores e críticos, como Eduardo de Assis, Cuti, Zilá Bernad, Dalcastagné, Miriam Alves, Arnaldo Xavier, Proença Filho, Gouveia Damasceno, o esforço por construir novos operadores teóricos que deem conta de refletir criticamente essa literatura e estabelecer novos paradigmas metodológicos que não inviabilizem o seu espaço de enunciação e configuração estética. Diante desse cenário, de contestação de métodos analíticos, “amplia-se [...] as responsabilidades dos agentes que atuam nos espaços voltados para a pesquisa e a historiografia literária” (p.2), como também a dos artistas/ escritores negros, que se incumbem da missão de traçar um novo parâmetro de representação para a assunção do sujeito afro-brasileiro. Por conta disso, elegemos como objeto de estudo o romance contemporâneo *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, com o objetivo de investigar como, mobilizando e inter-relacionando as técnicas da História e da ficção, esta obra promove o resgate de experiências circunscritas à escravidão a partir da enunciação e da trajetória de uma personagem feminina afro-descendente; e também refletir sobre a possibilidade de que a personagem principal, Kehinde, seja interpretada como uma ruptura (ou continuidade) com as personagens que figuram no panteão da tradição literária brasileira. Isso porque a saga de Kehinde permite refletir a respeito do processo histórico, artístico e cultural que estruturou a identidade do ser negro na sociedade brasileira e conferiu a ela, em todas as suas nuances, o status que tem hoje.

Em *Um defeito de cor*, o protagonismo heroico de uma mulher negra rompe com o estereótipo a partir do qual o negro tem sido representado em nossa literatura, parecendo responder a um anseio coletivo do reconhecimento da negritude no Brasil. Trata-se, pois, de compreender, a partir da análise do ponto de vista da narradora-personagem Kehinde, e pressupondo as relações entre literatura e sociedade,

como a representação dessa figura heroica pode promover ou questionar a manutenção dos interesses hegemônico, ser instrumento para a promoção de emancipação, bem como de afirmação social das minorias. E mais, como a representação dessa personagem desafia o sentido clássico de representação na literatura. Em nossas letras, os protagonistas de romances que são escravos normalmente figuram como mulatos, para que o autor possa imprimir neles traços brancos e inseri-los nos padrões da sensibilidade dominante (CANDIDO, 1964). A *Escrava Isaura* (1876), de Bernardo Carvalho, e Raimundinho, do romance *O mulato* (1881), de Aluísio Azevedo, são representantes do estereótipo do escravo nobre², aquele que, mesmo muito humilhado, consegue vencer, mas só por causa de seu branqueamento. Kehinde, diferente das duas personagens citadas, é descrita pelos seus traços negroides, e eles têm papel caracterizador na identidade desta personagem e na configuração de sua voz narrativa³.

Em linhas gerais, o modo como a personagem Kehinde é arquitetada nos leva a questionar o impacto de sua representatividade, levando em conta o panorama não apenas da representação do negro na literatura brasileira, como também da produção contemporânea e do atual cenário político do Brasil. Nesse sentido, objetivamos investigar, a partir do ponto de vista da protagonista, quais são os elementos narrativos do qual Ana Maria Gonçalves se vale, e como eles são utilizados, para criar a representação da personagem Kehinde e quais são as limitações encontradas na construção dessa personagem. Isto posto, a análise do romance tem como objetivo compreender de que maneira a personagem protagonista, criada por uma escritora que se identifica como negra, articula rupturas e continuidades no plano estético e temático da literatura brasileira, tendo em conta um arsenal de personagens femininas que povoam as nossas letras, lançando luz especialmente àquelas escondidas nas cozinhas

² Proença Filho (2004), em seu ensaio intitulado “A trajetória do negro na literatura brasileira”, investiga os estereótipos sobre o qual se assentou a imagem do negro e que ainda estão arraigados em nossa sociedade. No estudo desta trajetória, Filho (2004), tomando como ponto de partida a caracterização que David Brookshaw propôs em *Raça e cor na literatura brasileira* (1983), destaca os estereótipos mais evidentes do negro em nossa literatura. O primeiro identificado é o estereótipo do escravo nobre.

³ Em seu relato, vê-se os conflitos com a sua própria imagem na primeira vez em que se olha no espelho. Nesta cena, em que a personagem não se reconhece de imediato no espelho e, quando consegue distinguir a sua imagem refletida, repudia-se a si mesmo, é possível enxergar a base da construção da imagem do sujeito negro na sociedade brasileira, que se constituiu sob o estigma da negatividade e inferioridade em relação ao branco. Decorrente das implicações dos processos históricos, os séculos de escravidão e a abolição que não libertou, as importações do racismo científico da Europa e a recepção, por parte das academias e da elite do país, de teorias como a Eugenia, a imagem do negro “[...] foi privada, gradativamente, de todos os signos de beleza estética, moral, material” (SANTOS, 2002, p.166).

das Casas Grandes ou no cortiço de São Romão, também àquelas recobertas pela “cor do pecado” ou aquela que, submetida a invisibilidade da cor preta, ganha espaço para representar um Brasil escravocrata e o sentimento dos negros escravizados, além daquelas ocultadas em um barraco na favela, mas que existem nas páginas de um diário⁴.

Métodos

Vale ressaltar que a apresentação desse texto deriva de minha pesquisa de mestrado, que ainda está em andamento. O método de trabalho desta pesquisa é, essencialmente, bibliográfico e se dá por meio de participação em disciplinas e em grupos de estudos, apresentação de trabalho em eventos, fichamento de textos, elaboração de artigo e pela escrita da dissertação. Dessa forma, a síntese da bibliografia e mobilização teórica apresentada na introdução evidenciam como o trabalho está sendo desenvolvido e quais serão os aportes teóricos que sustentam a nossa pesquisa. A análise do romance *Um defeito de cor* busca identificar as relações internas de sentido da construção da personagem Kehinde, por meio dos elementos narrativos e textuais que conferem a ela traços heroicos, como o foco narrativo, as ações, o seu desenvolvimento progressivo no curso do relato narrado, as relações com os outros personagens do romance, a sua trajetória, o discurso do qual ela se vale e a estrutura na qual é comunicado este discurso, a meta-ficção historiográfica, segundo nossas primeiras hipóteses. Após a análise da personagem, desenvolveremos uma análise comparativa entre Kehinde e outras personagens negras da Literatura Brasileira. Será desenvolvida, ainda, uma leitura da obra dentro de um repertório de pressupostos identificados com a sociologia da literatura, com o objetivo de compreender o romance no panorama de seu momento de publicação. Dessa forma, pretende-se investigar as novas proposições acerca da autoria da obra e do campo literário, que remetem às mudanças não apenas no âmbito literário, mas sim na vida intelectual e cultural do país.

⁴ Referência às mulheres negras na literatura brasileira e seus estereótipos recorrentes, bem como às suas transgressões aos paradigmas pré-estabelecidos. De Bertoleza, passando por Rita Baiana e Gabriela, retornando à Úrsula (obra relegada ao esquecimento por décadas), chega-se à Maria Carolina de Jesus, com os seus “Quarto de despejo” e “Diário de Bitita” e, se olharmos bem, veremos um leque de cores negra se abrindo diante dos nossos olhos.

Sistematicamente, o trabalho divide-se em quatro partes. A primeira compreende um balanço teórico da fortuna crítica da obra, com as principais hipóteses levantadas a partir dos estudos já realizados, evidenciando pontos importantes que ainda não foram abordados nas análises do romance, a partir dos quais foram estabelecidas as questões norteadoras da dissertação: os objetivos por excelência; a segunda estuda a estrutura da obra, buscando estabelecer relações entre o romance em análise e outras tendências da ficção contemporânea, enfatizando traços que o aproxima do conceito de metaficção historiográfica, de Linda Hutcheon, e da concepção de nostalgia na pós-modernidade, de Fredric Jameson; a terceira, por sua vez, é a análise da personagem Kehinde, buscando confirmar a nossa hipótese de que ela foi construída com traços heroicos e compreender as contradições que se manifestam em sua construção e trajetória. Dessa parte decorre a quarta, que faz uma comparação entre Kehinde e outras personagens negras da nossa literatura, a fim de refletirmos se ela promove uma ruptura ou uma continuidade em relação às outras personagens presentes na nossa tradição literária. Por fim, como resultado, o objetivo é realizar uma leitura do contexto que possibilitou a emergência de uma personagem como a do romance *Um defeito de cor* e refletirá sobre a representação ensejada por ela, bem como sobre a relação de sua autora com o campo literário nacional, buscando compreender o diálogo estabelecido, por meio da obra, com os movimentos sociais de afirmação da comunidade negra e com a literatura afro-brasileira. Entretanto, nesse momento, ainda não temos considerações finais e/ou resultados palpáveis das relações estudadas.

Conclusões

A despeito do que a própria obra enseja, percebemos que a crescente fortuna crítica do romance⁵ tem centralizado suas análises nas construções simbólicas e na estrutura social que evidenciam o longo processo de escravidão que ainda perpassa a identidade do negro em nossa sociedade: a diáspora, a memória ancestral, o corpo

⁵Dentre esses, destacam-se: “Em busca dos rastros perdidos da memória ancestral: um estudo de um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves”, Zilá Bernard (2012); *Viver na fronteira*: a consciência da intelectual diaspórica em *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, Cristiane Cortês (2010); “Na cartografia do romance afro-brasileiro, *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves”. Duarte Eduardo Assis (2009); Luiza Mahin entre a ficção e a história, Aline Najara da Silva Gonçalves (2010); Maternidade Negra em *Um defeito de cor*: história, corpo e nacionalismo como questões literárias, Fabiana Carneiro da Silva (2017).

negro, a mulher negra, o colonialismo, a literatura, o papel da crítica literária frente às rupturas causadas pelos romances afro-brasileiros, a história e a sua relação com a literatura enquanto um mecanismo de reelaboração de corpos apagados e a negação do discurso hegemônico. Entretanto, essas mesmas análises apontam para a necessidade da reflexão acerca do modo como esse núcleo temático está articulado formalmente no romance. Isso porque a presença de novos agentes no cenário literário, os quais foram por séculos relegados ao silêncio e à invisibilidade, tanto como autores quanto como personagens⁶, comunica mudanças de ordem histórica, política e social ocorridas na conjuntura nacional, da qual a forma de narrar não poderia sair incólume nos modos de reelaboração de histórias e temáticas. Vê-se, portanto, a necessidade de investigarmos a construção de símbolos operada pelo diálogo promovido entre a linguagem literária e histórica na elaboração deste romance, partindo da enunciação da personagem narradora, pois ela é o epicentro do romance, por onde passam e confluem os fios da história, da memória e da ficção: “o enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam”⁷ (CANDIDO, 1972, p.53).

Dessa forma, a avaliação dos fatores que sustentam a hipótese de sua representação como uma heroína negra e o empenho de sua autora em problematizar, por meio desta personagem e da forma metaficção historiográfica, o discurso histórico oficial da escravidão, levam a formular também a hipótese da relação do projeto constituinte de Kehinde com a atuação dos movimentos sociais de afirmação da comunidade negra e a literatura afro-brasileira. Por fim, a representação simbólica dos elementos constitutivos do romance *Um defeito de cor*, bem como a sua relação com o papel político e social do negro no Brasil contemporâneo destacam o projeto de Ana Maria Gonçalves no campo literário nacional. Nesse sentido, pretende-se refletir sobre a autora, o campo literário nacional e a relação entre os aspectos formais do romance que fundamentam a personagem, de modo a compreender como a emergência de uma

⁶ Dalcastagnè, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077> 2011. Acesso em: 08 de janeiro de 2019.

⁷ Candido, A. *A personagem de ficção*. São Paulo. Perspectiva, 1972.

heroína negra responde a uma demanda social, na qual inclui-se um grupo amplo de autores, do qual a escritora seria uma representante, pondo em xeque o idealismo em torno da representação do escritor como produtor solitário. Isso nos permitirá verificar, por fim, em que medida houve uma inflexão dentro das produções da contemporaneidade.

Referências Bibliográficas

BERNARD, Zilá. "Em busca dos rastros perdidos da memória ancestral: um estudo de *Um defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves". In: *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n.40, jul./dez.2012, p.29-42.

CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo, Perspectiva, 1972.

CORTÊS, Cristiane Felipe Ribeiro de Araujo. *Viver na fronteira: a consciência da intelectual diaspórica em Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves. Dissertação de mestrado. Belo horizonte: UFMG, 2010.

DALCASTAGNÊ, Regina. "A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004". *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 26, Brasília, jul./dez. 2005, p. 13-7.

GONÇALVES, Ana Maria. *Ao lado e à margem do que sentes por mim*. Salvador: Bobolettas, 2002.

_____. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. "Uma ficção à procura de suas metáforas". *Suplemento Pernambuco*, n. 132, fev. 2017. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/edicoes-anteriores/67-bastidores/1783-uma-ficcao-a-procura-de-suas-metaforas.html>. Acesso em: 07 de abril de 2019.

_____. "Lobato: não é sobre você que devemos falar". *Geledés: instituto da mulher negra*. Disponível em: http://www.geledes.org.br/ana-maria-goncalves-lobato-nao-e-sobre-voce-que-devemos-falar/#gs._q4soZw. Acesso em: 10 de abril de 2019.

_____. "A literatura é o lugar das possibilidades": entrevista com Ana Maria Gonçalves. *Revista de Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, 2.51, mai./ago.2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182017000200249. Acesso em 05 de abril de 2019.

_____. "Da narração histórica à ficcional: o processo de construção de *Um defeito de cor*, segundo Ana Maria Gonçalves: entrevista com Cristiane Cortês no dia 21 de julho de 2009, Belo Horizonte (MG)". In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; Alexandre, Marcos Antônio (Orgs.). *Falas do outro: literatura, gênero e etnicidade*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

_____. Entrevista concedida a Cláudia Lamego. Blog da Editora Record, 14 ago, 2017. Disponível em:
<http://www.blogdaeditorarecord.com.br/2017/08/14/um-defeito-de-cor-de-ana-maria-goncalves/>. Acesso em 5 de abril de 2019.

_____. Entrevista concedida a Robson Akmin, 20 nov. 2012. Disponível em:
<http://soulart.org/artes/um-defeito-de-cor/>. Acesso em: 07 de abril de 2019.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1991.

_____. *Narcissistic Narrative: The Metafictional Paradox*. Nova York: Routledge, 1985.

_____. *Uma Teoria da Paródia*. Lisboa: Edições 70, 1989.

SILVA, Fabiana Carneiro da. *Maternidade negra em um defeito de cor: história, corpo e nacionalismo como questões literárias*. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2017.